

## ***O Publicador e a imprensa diária na Paraíba do século XIX***<sup>1</sup>

Thayná Cavalcanti PEIXOTO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

*O Publicador* foi o primeiro jornal de publicação diária na Paraíba. Lançado em 1862 cessou sua publicação apenas no ano de 1886, sendo um dos periódicos mais duradouros do período imperial na Paraíba. O recém diário era de propriedade do tipógrafo José Rodrigues da Costa, e posteriormente de seus herdeiros. A presente pesquisa analisou e dissertou sobre o circuito de comunicação dos primeiros anos de atuação d’*O Publicador*. Até o momento, é possível inferir que periódico estava inscrito, não somente, no modelo de imprensa diária à época, como em uma rede de comunicação nacional e internacional, que enviava, recebia e transcrevia notícias, principalmente de periódicos do Rio de Janeiro, Pernambuco, Portugal e França. Foram identificados aspectos relativos à produção, à difusão e usos do jornal, na tentativa de compreender como a inauguração de um jornal diário impactou àquela sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa diária; século XIX; Paraíba.

### **Introdução**<sup>3</sup>

No ‘prospecto’<sup>4</sup> de inauguração d’*O Publicador*, primeiro jornal diário<sup>5</sup> da província da Parahyba do Norte<sup>6</sup>, a redação informava que estava iniciando a empreitada de se publicar diariamente, esclarecia que outros impressos paraibanos, de mesmo feitio, já haviam desistido da ideia, devido às várias impossibilidades que lhes foram impostas.

Uma vez que, inaugurar um jornal de publicação diária requeria, além das “consideráveis despesas, que exige uma publicação d’esta importancia” (*O Publicador*,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em História Social da Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: [thaynacpeixoto@gmail.com](mailto:thaynacpeixoto@gmail.com)

<sup>3</sup> Este trabalho contém dados e questões que vêm sendo realizadas na minha pesquisa de Doutorado, intitulada: *Circuito de comunicação do jornal O Publicador (1862-1869)*, pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>4</sup> Tratava-se de uma carta de intenções em que o redator afirmava seus propósitos (MOREIRA, 2006, p. 118).

<sup>5</sup> Só não saía aos domingos, pois todos os domingos, de acordo a Igreja Católica são considerados dias santos, portanto, dias de guarda.

<sup>6</sup> Quando me reporto à Província da Parahyba do Norte, refiro-me ao atual Estado da Paraíba, e ao mencionar Cidade da Parahyba estou me referindo à capital, atual João Pessoa.

---

n. 1, 1º set. 1862), precisava de um bom aparato tecnológico, necessitava de vários compositores (MOLINA, 2015), mas, também, tal iniciativa exigia influência política.

Posto isso, gostaria de destacar que a imprensa brasileira, desde seus primórdios, se “impôs como uma força política” (CAPELATO, 1988, p.13), pois nascera “sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial” (SODRÉ, 1966, p.22). Sendo, portanto, praticamente impossível dissociar a compreensão da história da imprensa brasileira de seu completo imbricamento com questões políticas, uma vez que boa parte dos jornais brasileiros viveram ou ainda vivem à sombra do poder público (MOLINA, 2015).

O *Publicador* se encontra inscrito dentro do segundo reinado, período este que, como a própria redação afirmou: “outras províncias do Imperio, em cuja maior parte existem diários, mais ou menos consideráveis” (*O Publicador*, n.1, 1 de setembro de 1862). Período também conhecido como o “império da palavra impressa”(MARTINS, 2013), pois abrigou, além de uma extensa variedade de gêneros impressos, uma polifonia marcada por um jornalismo de bandeiras, tais como abolição, federalismo, reformismo liberal, republicanism, questões militares e religiosas, como principais pautas da luta, disputa política e de vozes (RIBEIRO, 2004). Dessa forma, os jornais tiveram uma primordial importância política, sendo cruciais para a consolidação e formação do Brasil como nação (MOLINA, 2015).

O *Publicador* inaugurou sua circulação em setembro de 1862 e findou suas publicações no ano de 1886, tornando-se, também, uma das folhas mais duradouras da Paraíba durante o período imperial. Em seu cabeçalho possui uma fundamental informação: “O Publicador he propriedade de José Rodrigues da Costa”.

José Rodrigues da Costa<sup>7</sup> foi fundador e proprietário tanto do jornal quanto da oficina tipográfica que levava seu nome, *Typographia de José R. da Costa*. Desde a instalação de sua tipografia, na capital da província, ele foi o responsável pela impressão de uma vasta gama de impressos, entre eles encontram-se os relatórios de presidente de província, publicados pela sua oficina, sucessivamente, entre os de 1848 a 1862. Além disso, também saíram dos prelos de sua oficina, escritos<sup>8</sup> (livro de poesia, compêndio

---

<sup>7</sup> Para maiores informações a respeito da vida e atuação de José Rodrigues da Costa como tipógrafo, ver Peixoto (2017).

<sup>8</sup> SILVA, Francisco Pereira da. *Memorias das viagens que em cumprimento às ordens do Governo Provincial fez o 2º Tenente de Engenheiros Francisco Pereira da Silva pelo interior da Parahyba do Norte nos anos 1846 e 1847*(1848); VELLOSO, Manoel Caetano. *Lições de Rethorica recopiladas dos originaes de L. Ferreol Perrard, e Edme Ponelle* (1849); SILVA, Francisco Pereira da. *Ensaio para a estatística da provincia da Parahyba do Norte. Parte I* (1850); FRANCA, Francisco Xavier Monteiro da. *Vida e Poezias* (1854); CORDEIRO, Antonio da Cruz. *Instruções Sanitarias*

escolar, memórias de viagem, etc.) de autores locais, como também uma média de 12 jornais<sup>9</sup> que circularam na capital, sendo *O Publicador* (1862-1886), de sua propriedade, o mais importante deles, pois com ele se inaugurou a publicação diária de um jornal na província.

Todavia, na noite do dia 8 de novembro de 1866 um repentino e grave mal estar retirou os últimos suspiros de vida do *mestre da arte typographica de nossa terra*<sup>10</sup>. Porém, apenas quatro dias após sua morte, tanto no cabeçalho quanto ao fim da última página d'*O Publicador*, tanto a tipografia como o diário, já figuravam como propriedade dos *Herdeiros de José R. da Costa*. Logo, seus filhos continuaram não só à frente da publicação do então diário, como também ficaram responsáveis pela continuação das atividades da tipografia por mais vinte e seis anos no mercado editorial da capital, até fecharem as portas do estabelecimento, no ano de 1892.

Dito isso, pode-se afirmar que a história do jornal *O Publicador* é inseparável da história de sua tipografia, dessa maneira, a história do diário e de sua tipografia se entrelaçam nesse texto.

A obra mais conhecida a respeito da tipografia do jornal *O Publicador*, *A Tipografia do Beco da Misericórdia: apontamentos históricos*, lançada em 1978 por Eduardo Martins, destaca-o como o primeiro diário da província, porém trata de maneira superficial sobre seu proprietário e os herdeiros. Essa abordagem é compreensível, como bem sugeria o título, pois o objetivo da obra era destacar a trajetória da tipografia, essa que, após muitos anos no mercado editorial da capital, abrigou o *Jornal A União*, lançado em 1893, e que ainda circula nos dias atuais como jornal oficial do Governo do Estado (BARBOSA, 2009, p.52).

No ano de 2017, com a Dissertação de Mestrado *José Rodrigues da Costa: um tipógrafo na Cidade da Parahyba (1848-1866)*<sup>11</sup>, aportada na perspectiva da Nova História Cultural, e considerando o que Robert Darnton (2010) caracterizou por *intermediários da literatura* — homens e mulheres responsáveis tanto pela produção

---

*Populares* (1862); SOBRINHO, Joaquim Maria Serra. *Mosaico: Poesias traduzidas* (1865) (PEIXOTO, 2017, p.101-102).

<sup>9</sup> *O Espreitor* (1849), *Correio Oficial Parahybano* (1849), *A Ordem* (1850), *Alva-jornal litterario* (1850), *Governista Parahybano* (1850), *Jornal da Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba* (1853), *A Matraca* (1854), *O Parahybano* (1855), *A Epocha* (1856), *O Imparcial* (1860), *Diario da Parahyba* (1861), *O Publicador* (1866) (PEIXOTO, 2017, p. 86-87)

<sup>10</sup> *O Publicador*, n. 1440, 17 de maio de 1867, p.3.

<sup>11</sup> Dissertação de Mestrado em História defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Também se publicou o livro: *José Rodrigues da Costa: um tipógrafo na Cidade da Parahyba (1848-1866)*, João Pessoa: Mídia Editora, 2017.

---

quanto pela propagação dos impressos, como trapeiros, tipógrafos, editores, impressores, livreiros, etc., que durante muito tempo foram negligenciados, em vista de grandes obras e autores, na historiografia — analisei a atuação de José Rodrigues da Costa enquanto tipógrafo desde período de instalação da sua oficina na capital até o seu falecimento.

A partir disso e por meio de uma extensa pesquisa documental, foi possível não somente destacar a importância do tipógrafo como um dos principais produtores e difusores da cultura escrita na província como também refutar importantes informações, referentes ao tipógrafo, que estão presentes na obra de Martins (1978) e que eram reverberadas pela historiografia, até então.

Na introdução de sua obra, Eduardo Martins (1978) anunciou seu desejo de “lembrar aos estudiosos da história da imprensa paraibana um dos vultos mais destacados do nosso passado jornalístico e editorial” (MARTINS, 1978, p.13). Com isso, conseguiu cristalizar a imagem, dali em diante, do “**português** José Rodrigues da Costa, ‘excelente tipógrafo, **vindo do Recife**” (MARTINS, 1978, p.21), que, na capital paraibana, “se estabeleceu em fins de 1834, na casa nº 2 da Rua Direita” (MARTINS, 1978, p.21. Grifos meus). Consequentemente, por muito tempo, sobre José Rodrigues da Costa e outros intermediários da cultura escrita na Paraíba, como bem disse Socorro Barbosa: “na ausência de fontes primárias, a tentação é acreditar nas pesquisas de estudiosos anteriores” (BARBOSA, 2010, p. 206).

Compreendo o legado da obra de Martins (1978), em comum acordo com Michel de Certeau (1982), quando afirmou que a História se escreve por meio de práticas, as quais são frutos de diversos interesses do lugar social em que o historiador está inserido, tendo em vista que o peso da instituição histórica e o lugar social dos indivíduos se refletem no discurso do próprio historiador. Com isso, sua narrativa de cunho descritivo e, muitas vezes, despreocupada em indicar aos leitores a localização de documentos utilizados, se torna compreensível. Uma vez que, eram regras e práticas compartilhadas pelo lugar social do autor, que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e da Associação Paraibana de Imprensa.

Com esse entendimento, utilizei as informações contidas na obra de Martins (1978) como ponto de partida para a compreender e traçar a trajetória de José Rodrigues da Costa. Logo, parti de elementos descritos no livro do autor, realizei o cruzamento de informações dos próprios impressos publicados na tipografia com documentos cartoriais

e paroquiais, e consegui chegar a dados que refutam informações primordiais acerca do tipógrafo.

Sendo elas: a de que José Rodrigues da Costa era paraibano<sup>12</sup> e não português; de que a oficina foi instalada na Cidade da Parahyba em meados de 1848 e não em 1834, pois além de o impresso mais antigo<sup>13</sup>, contendo o nome da tipografia datar de 1848, uma vez que, no ano de 1844, José Rodrigues da Costa possuía uma tipografia no Rio de Janeiro localizada na Rua do Conde<sup>14</sup>, casa n.4 (*Almanak Mercantil*, n.02, 1844, p.325); para Eduardo Martins (1978), José Rodrigues da Costa e dona Joanna Maria do Rosario foram citados apenas como donos em comum de um sítio, omitindo que ambos foram companheiros e tiveram filhos juntos; ademais, Martins (1978) mencionou que o tipógrafo havia deixado cinco herdeiros, sendo que o casal tivera sete filhos, e na época do nascimento da primeira filha do casal, Joanna possuía a condição jurídica de escravizada<sup>15</sup>.

Assim, José Rodrigues da Costa, natural da província da Parahyba do Norte, foi um dos principais editores e divulgadores da cultura escrita da Paraíba imperial. Pois, além dos inúmeros gêneros impressos saídos dos prelos de sua oficina, atingiu o ápice de sua atuação publicando o primeiro jornal diário da província, e de sua inteira propriedade.

Para a presente pesquisa, acredita-se assim como Robert Darnton (2010), que os materiais impressos passam, aproximadamente, por um mesmo ciclo de vida, denominado, por ele, de *circuito de comunicação*. Esse circuito consiste no percurso da produção do impresso até as apropriações dos leitores, partindo do autor para o editor, em seguida para o impressor, depois aos distribuidores e vendedores, sendo o leitor o destino deste circuito, pois “ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição”, já que “os próprios autores são leitores” (DARNTON, 2010, p. 125).

Dessa maneira, objetiva-se identificar e analisar o *circuito de comunicação* que circunscreveu o *Publicador*, desde sua inauguração até o ano de 1869. Sabe-se que o jornal perdurou por mais 17 anos, contudo optou-se por analisar apenas a década de 1860, primeiramente por questões de acessibilidade à documentação, - pois da década de 1860

---

<sup>12</sup> Livro dos Irmãos da Santa Casa de Misericórdia, 1872, Acervo da Igreja da Misericórdia; *O Publicador*, n.1252, 12 de novembro de 1866.

<sup>13</sup> *Memórias das Viagens que em cumprimento às ordens do Governo Provincial fez o 2º Tenente de Engenheiros Francisco Pereira da Silva pelo interior da Província da Parahyba do Norte nos anos de 1846 e 1847* (SILVA, 1848).

<sup>14</sup> Atual Rua Frei Caneca (PINTO, 2007. p.94)

<sup>15</sup> *Autoamento de uma petição da tutora Joanna Maria do Rosário Costa*, de 1873. Acervo do Cartório Monteiro da Franca.

---

inteira só não foram localizados exemplares do ano de 1863,- e os outros anos foram localizados quase que em seu inteiro teor, totalizando 2164 exemplares disponíveis. Em relação à década de 1870 não foi possível localizar nenhum exemplar sequer, e em relação a década posterior só existem dois anos disponíveis. Além disso, acredita-se que a década de 1860, por si só já foi uma das mais complexas e férteis para o pensamento e debate político do segundo reinado (CARVALHO, 2018).

Os jornais eram e ainda são construídos com base tanto no cotidiano como nas práticas de leitura e escrita de seu respectivo período histórico. Dessa forma, o diário é compreendido enquanto um meio de comunicação que tanto influencia práticas como também sofre intervenções da sociedade em suas páginas, uma vez que “A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social” (CAPELATO, 1988, p. 21). Logo, seria impossível escrever sobre a imprensa sem levar em consideração sua intensa relação com as trajetórias econômicas, sociais e culturais do Brasil oitocentista (LUCA & MARTINS, 2013).

Para isso, mobiliza-se as perspectivas da Nova História Cultural — concepção essa que trouxe à tona a verificação de como os meios de comunicação impressos interagem na complexidade de um contexto (MOREL;BARROS, 2003,p.9) —, e as propostas teórico-metodológicas do campo da História do Livro ou *História Social e Cultural da Comunicação Impressa*, como caracterizou Robert Darnton (2010). Campo esse que busca “entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento humano” (DARNTON, 2010, p. 122).

Nesse sentido, pela continuação do prospecto do *Publicador*, quando a redação afirmou que “o publico parahybano já tem adquirido o hábito à leitura dos periódicos” (*O Publicador*, n.1, 1º set. 1862), infere-se que a inauguração de um jornal diário não só instauraria novas práticas de leitura, como também uma nova relação do público leitor em relação aos jornais. Já que, além de sistêmica, a imprensa é dinâmica pois “modifica, ativa, estimula e tonifica a recepção e a produção de todos os discursos dos quais ela é a portadora” (CAPARELLI, 2012, p.26). Tal atividade nos leva a percebê-la por um prisma interdisciplinar, uma vez que o impresso por si só é algo que foge dos limites fronteiriços e linguísticos que lhe são impostos (MOLLIER, 2016; DARNTON, 2010).

---

## Aspectos do ciclo de produção

Compreendendo a comunicação e a circulação de impressos como um processo sistêmico, o *circuito de comunicação*, proposto por Darnton (2010), apresenta-se como uma profícua ferramenta para o estudo aqui proposto. Visto que, o que se encontra inscrito e impresso ao longo das páginas do jornal o *Publicador*, só se tornam acessíveis, quando se compreende, não somente quem eram os responsáveis pelos bastidores, mas também pela leitura do circuito informacional que ocorria na sociedade.

A exemplo de uma matéria, do segundo exemplar de 1862, que tomou quase por inteiro a primeira página, discorrendo a respeito do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Vale salientar que, nesse mesmo ano, o redator chefe d’*O Publicador*, Padre Lindolfo, tinha acabado assumir a provedoria da Santa Casa de Misericórdia, bem como o proprietário do jornal, já era membro da Irmandade, desde o ano de 1853 (PEIXOTO, 2017).

Vê-se, então, como os bastidores de produção d’*O Publicador* estão completamente imbricados com o conteúdo impresso nas páginas. Bem como, o seu fundador, estivera rodeado de pessoas muito influentes pertencentes à elite política na província, pois o Padre Lindolfo, redator de seu jornal, assumira durante vários anos o mais alto cargo na Irmandade da Misericórdia, bem como alguns dos autores e redatores que imprimiram em sua oficina, como: Antonio da Cruz Cordeiro, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque Gervazio Victor da Natividade e Manoel Caetano Velloso (PEIXOTO, 2017). Assim, ao longo dos exemplares vai ficando cada vez mais nítida a presença de discussões e debates em relação às questões mais vigentes da sociedade àquele momento, e dos laços e relações estabelecidas por seus produtores.

Desde seus primeiros números a redação do jornal fazia questão de explicitar que seu posicionamento político era *liberal*. Para, além disso, no ano em que o diário veio à tona, em 1862, a redação afirmava que “Nossa posição está escolhida, e tomada a muito tempo. Somos *conservador moderado*, e como tal aderimos à *liga progressista*” (*O Publicador*, n.37, 14 de out. 1862, p.4). De acordo com Myraí Segal (2017), nesse mesmo ano, severas se discutia acerca da Liga Progressista<sup>16</sup> nacional e localmente. E, não coincidentemente, *O Publicador*, em vários de seus números, se expôs enquanto adesista do movimento “procurando demonstrar que a união entre parte dos liberais e dos

---

<sup>16</sup> Para maiores informações ver CARVALHO (2008); SEGAL (2017).

---

conservadores moderados era profícua e que juntos eles seriam capazes de conduzir a política nacional” (SEGAL, 2017, p.119).

Conforme José Murilo de Carvalho (2008), após a Liga, criou-se o efêmero Partido Progressista, esse que como explicitava seu programa<sup>17</sup>: “significava *liga* de liberais e conservadores moderados” (MELO, 1878, p.15), tendo perdurado de 1864 a 1868. Segundo Segal (2017), o redator chefe, o Padre Lindolfo, possuiu a intenção de ser não somente porta-voz da Liga, mas também do Partido Progressista, contudo, o seu líder em âmbito provincial era o senhor Felizardo Toscano de Brito<sup>18</sup>, “político, que antes da criação do Partido Progressista e depois de seu fim, esteve à frente dos liberais” (SEGAL, 2017, p. 17), e, que, ao assumir a vice-presidência da província, em 1864, encerrara o contrato do governo com o jornal conservador, *Jornal da Parahyba*, e entregara as publicações dos expedientes governamentais às mãos do *Publicador*, de cunho liberal.

Mas, para compreender essa ação, de cunho partidário, é preciso primeiro compreender que tanto o redator Lindolfo Correia quanto o recém-empossado vice-presidente, Felizardo de Brito além de compartilharem a mesma ideologia partidária, ambos foram eleitos deputados provinciais nas mesmas legislaturas, correspondentes ao ano eleitoral de 1860-1861. Assim, o que se encontra impresso nas páginas do jornal, só passa a ser mais bem descortinado quando mergulhamos mais profundamente por entre as camadas das relações políticas e sociais, traçadas e estabelecidas por quem o produziu.

Ao longo das pesquisas realizadas foi possível localizar outros funcionários que trabalharam na tipografia d’*O Publicador*, além do tipógrafo proprietário e do redator principal. Como os dois guardas nacionais: José Eduardo da Silva Pinto, que era administrador da tipografia do diário e da *Typographia Liberal Parahybana*, de propriedade de Felizardo Toscano de Brito; e João Francisco Soares, que além de guarda nacional, também estudava francês do Lyceu Provincial. Além dos dois tipógrafos, que possivelmente trabalhavam na composição dos textos e das páginas, por serem letrados, também foi possível localizar um outro funcionário, o cobrador Lindolfo Malaquias do Rosario (PEIXOTO, 2017).

## **O jornal em rede: aspectos da circulação**

---

<sup>17</sup> Programa do Partido Progressista, disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179482>

<sup>18</sup> Para maiores informações a respeito de sua atuação política, consultar SEGAL (2017).



---

Nos impressos, e principalmente nos jornais, encontram-se inscritos uma *rede de comunicação*, rede essa que é “composta por artérias, veias e capilares que leva em conta todos os estágios do processo de produção e distribuição” (DARNTON, 1998, p.198). Pensando nisso, realizou-se um extenso esmiuçamento das seções do diário na tentativa de evidenciar algumas das redes, transnacionais e nacionais, que circunscreveram o circuito de notícias impressas no *Publicador*. Pois, assim como a maioria dos jornais à sua época, o diário paraibano publicou notícias sobre os mais variados países do mundo, seja por folhas nacionais, ou por traduções próprias de folhas internacionais que a redação possuiu acesso, o que caracteriza uma *lógica da cultura midiática transnacional da modernidade* (GUIMARÃES, 2019).

Até o momento, foram identificadas e catalogadas todas as referências – jornais, livros e autores - de fora da província (nacionais e internacionais), dos anos de 1862 e 1864, totalizando 247 citações para o ano de 1862 e 443 para o ano de 1864.

Desde sua inauguração, o *Publicador* se estruturou em quatro páginas, com seções fixas e variáveis. Conforme foram classificadas as referências externas à província, destacaram-se as seguintes seções: *Registro Noticioso* (1862), que em 1864 se tornou *Noticiário* e que além de fixa, era uma das que mais abrangia as páginas do jornal; *Agricultura*, *A Pedido*, *Correspondencia do Publicador*, *Exterior*, *Interior*, *Litteratura*, *Transcrições*, e *Variedades*. Algumas delas tiveram aparição mais em um ano do que outras, apenas em um ano ou no outro, mas as que abarcaram maior número de citações foram as de *Noticiário* e *Variedades*.

No ano de 1862, do total de 247 citações externas à província, 166 das citações eram nacionais, representando 67,21% do total, bem como 11 países<sup>19</sup> aparecem referenciados pelos jornal. Em segundo lugar total, mas o primeiro em relação às citações internacionais encontra-se a França, com 47 referências, totalizando 19,03%; depois Portugal com 14 citações, representando 5,67%; seguido de Inglaterra com seis citações somando 2,43%; depois Bélgica com cinco referências, representando 2,02% e Estados Unidos com três referências somando 1,21%. Para o ano de 1864, das 432 referências totais localizadas, aparecem 13 países<sup>20</sup>, mas novamente o Brasil lidera com 210 delas, representando 48,61%; seguido da França com 75 citações, somando 17,36% do total;

---

<sup>19</sup> Alemanha, Argentina, Austria, Chile, Espanha, Italia, França, Portugal, Inglaterra, Bélgica e Estados Unidos.

<sup>20</sup> Alemanha, Austria, Canadá, Dinamarca, Suíça, Espanha, Rep. Tcheca, Italia, França, Portugal, Inglaterra, Bélgica e Estados Unidos.

---

depois Portugal com 71 referências, totalizando 16,44%; seguido da Inglaterra com 23, representando 5,32% e Bélgica com 17 citações, somando 3,94%.

Na soma dos anos, 1862 e 1864, as citações nacionais compõem 55, 87%, em seguida a França com 17,24%, Portugal com 12,63%, seguido de Inglaterra com 4,16% e Bélgica compondo 3,27% do total de 673 referências identificadas. Observa-se que os países com maior número de citações continuam sendo Brasil, França e Portugal, seguidos por Inglaterra e Bélgica. No ano de 1864, França e Portugal disputaram as primeiras posições por uma ínfima diferença. Mas, mesmo com essa disputa, nos dois anos, considerados em conjunto, o país francês permanece à frente, perdendo posição apenas para os impressos brasileiros.

Tal cenário corrobora com o fato de que, desde os primórdios, do século XIX até meados do século XX, os maiores órgãos da imprensa brasileira acompanharam, o que as autoras chamaram de “estilo francês” (COOPER-RICHET; GUIMARÃES, 2012). Esse estilo é caracterizado pelo papel da França como referência fundamental para os jornais, tanto em relação às informações contidas na folha impressa, quanto em relação à forma (COOPER-RICHET; GUIMARÃES, 2012, p.18). Tal fato apresenta-se em concordância com os dados apresentados, em que a França aparece como a principal localidade, do exterior, de onde impressos internacionais eram citados, representando 17,24%, das citações totais dos dois anos analisados.

Entretanto, é preciso destacar a significativa variedade de países que compuseram as referências utilizadas pela redação do *Publicador*. Moine *et al.* (2008) destacaram a Europa como o centro de circulação e transferências transnacionais, pois, devido à sua conformação geográfica, foi um verdadeiro caldeirão de circulações e múltiplas transferências (MOINE; BOUVIER; PALMER, 2008).

Ao analisar os dois anos em conjunto, observou-se uma mudança no teor das referências utilizadas pela redação do jornal. Em 1862, o jornal baseava a maior parte de suas seções em jornais, mas também se utilizava de muitos excertos de obras literárias ou de autores consagrados àquela época<sup>21</sup>. Por outro lado, em 1864, foi quase impossível localizar citações de livros referenciados, pois muitas vezes nas seções *Varietades* ou *Litteratura*, a redação simplesmente indicava a extração com a abreviação *Extr.* Acredito que essa mudança se deu pelo fato de que, em 1862, o jornal estava tentando se estabelecer

---

<sup>21</sup> Como Benjamin Franklin, Hyppolyte Castille, Rochefoucault. A. Sibour, Baily, Somet, M. Jobard e Taxile Debord.

---

enquanto periódico e, em 1864, além de já ter se consolidado, e estabelecido uma boa rede de contatos com redações externas à província, ele veio a ser um veículo de atos e expedientes do governo provincial. Portanto, nesse processo de consolidação, no ano inaugural, o jornal muitas vezes, por falta de contatos com outras redações de fora da província, valia-se do preenchimento de suas colunas com esses trechos retirados de obras já consagradas.

Ao agrupar as referências utilizadas nos anos de 1862 e 1864, os dados revelam a circulação de informações, em escala internacional, como um aspecto proveniente das práticas culturais intrínsecas à imprensa do século XIX. Todavia, essas conexões entre os países revelam as assimetrias, a exemplo da escassa utilização de referências de países sul-americanos.

Em relação as províncias mais citadas, na soma dos dois anos, permanecem as mesmas, em relação ao ano de 1864. São elas: Rio de Janeiro (32,71%), Pernambuco (22,61%), Rio Grande do Sul (8,24%) e São Paulo (6,91%), respectivamente. Vale ressaltar que o Rio de Janeiro e Pernambuco mantêm suas posições, mas que há uma troca de posições entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Isso se deve ao fato de que no ano de 1862, a terceira província mais citada foi o Ceará, enquanto em 1864 esse lugar foi ocupado por São Paulo. Como o Rio Grande do Sul se manteve na quarta posição em ambos os anos, a soma de citações dessa província, nos dois anos, resultou em uma frequência maior que as províncias do Ceará e São Paulo. Nos dois anos foram utilizadas referências provenientes de 16 províncias, excetuando-se a Parahyba do Norte, três províncias não foram citadas em nenhum dos dois anos: Goiás, Santa Catarina e Piauí.

Contudo, vale destacar a abrangência nacional das fontes utilizadas pela redação do *Publicador*, que usufruiu de materiais vindos de províncias de quase todas as regiões, da conformação atual, configurando 80% das 20 províncias existentes no período. Nesse sentido, os resultados encontrados até o momento, permitem afirmar a inserção do *Publicador* na rede nacional de debates que circunscrevia a imprensa brasileira do período.

É possível, também, inferir que muitas das citações feitas pela redação tinham, também, caráter ideológico, uma vez que os jornais citados pela redação tinham um alinhamento político concordante com o *Publicador*, a exemplo do *Jornal do Recife*, o mais citado da província de Pernambuco, que era o porta voz da liga progressista dessa província, tal qual o *Publicador* o era na Parahyba do Norte. Esse fenômeno foi

---

identificado por Lise Andries (2012) que, ao estudar a imprensa no México, se atentou para o fato de que “a escolha das obras é feita segundo as opções ideológicas dos jornais” (ANDRIES, 2012, p.43).

Dessa maneira, os fatores políticos se destacam como elucidativos para explicar a razão pela qual províncias distantes apresentaram um elevado número de citações pela redação do jornal, enquanto províncias geograficamente próximas tiveram poucas citações. Isso indica que os aspectos políticos e econômicos prevalecem no influxo de chegada de notícias e de periódicos e, conseqüentemente, das referências utilizadas pelo *Publicador* para compor as seções em suas páginas.

### Usos do jornal

No sentido de compreender o *Publicador* por uma perspectiva holística do circuito de comunicação do jornal, desloca-se o olhar para os usos<sup>22</sup> do jornal.

No jornal *O Publicador* foi possível localizar seções voltadas para seus leitores, como *Correspondencias*, *A Pedido* e a tão importante e fixa seção de *Annuncios*, que era formada pelos assinantes e pelo público que desejava publicizar os mais variados assuntos. Também foi constatada a utilização de alguns artifícios, narrativos, de aproximação da redação com público paraibano. A exemplo de: “[...] se alguém tiver reclamações a fazer, mande-as em carta fechada á redação do *Publicador*, que serão atendidas prontamente” (*O Publicador*, 4 de setembro 1862, nº 4, p.4); “[...] todas as pessoas que estiverem bem informadas de qualquer occurencia, que no-la communicuem em carta fechada á redacção do *Publicador*, com ou sem assignatura [...]” (*O Publicador*, n.5, 5 de setembro de 1862. Grifos meus).

Percebe-se nesses excertos, respectivos aos números iniciais d’*O Publicador*, a tentativa da redação de consolidar a publicação do jornal e a formação de um público leitor. Estratégia perceptível desde o prospecto de inauguração, quando os redatores pediam, ao público paraibano que já havia adquirido o hábito de leitura dos periódicos, que “nos auxilie em nosso empenho, fazendo crescer a inscripção de nossos assignantes” (*O Publicador*, n.1, 1 de setembro de 1862).

Nos trechos citados acima, percebe-se que, no primeiro ano do jornal, a redação convoca o público a enviar cartas com informações e reclamações. Por outro lado, em

---

<sup>22</sup> Destaca-se a assimilação noção de *apropriação*, que “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p. 180).

---

1864, o jornal já havia se consolidado, principalmente por ter assinado contrato de publicação com o governo provincial. Nesse sentido, percebe-se uma mudança na relação com o público, em que, ao invés de pedidos da redação, identifica-se, com uma maior frequência, a participação e os usos dos leitores das seções que lhes eram direcionadas.

Esses recursos narrativos são apreendidos, aqui, como estratégias de aproximação, noção discutida por Letícia Matheus (2013), em seu artigo *O leitor e o cotidiano na história do jornalismo*. Nele, ao analisar o impacto da telegrafia no jornalismo do século XIX, a autora identificou como se deu a participação e a interação do público com os jornais, uma vez que, os periódicos passaram a usar, sistematicamente, o telégrafo, tornando a imprensa muito mais noticiosa.

Ainda que a análise da autora tenha se concentrado nas décadas finais do século XIX, a compreensão da noção de estratégia de aproximação nos auxilia a compreender as práticas utilizadas tanto pela redação para com o público, quanto os usos e participações da sociedade nas folhas d’*O Publicador*. No século XIX, as estratégias de aproximação foram as charadas, enigmas, palavras-cruzadas, promoções, reclamações, cartas, entre outros. Nesse sentido observa-se que houve e ainda existem inúmeras formas de participação-colaboração do público no jornalismo (MATHEUS, 2013).

A redação d’*O Publicador* utilizou mecanismos de aproximação e formação do público, na tentativa de se firmar enquanto diário, bem como o público realizou suas próprias leituras do que estava impresso, recorrendo ao jornal para a divulgação de interesses privados. A exemplo do trecho a seguir: “A redação do *Jornal da Parahyba*, essa facção obstinada, guiada por uma razão desvairada e torpe em seus excessos, e dominada das mais perigosas e ameaçadoras ideias [...] *Um leitor (O Publicador, 30 de março de 1864, n.472)*. Nesse extrato é possível evidenciar uma das maneiras como o público percebia e se utilizava das páginas d’*O Publicador*, como também é perceptível que a redação escolheu publicar uma correspondência que se alinhava com seu viés ideológico. Tendo em vista que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar ao público” (LUCA, 2011, p. 139).

Por tudo que foi exposto, acredita-se que *O Publicador* e os leitores, à sua maneira, forjaram suas representações do mundo social baseado em seus próprios interesses.

---

## REFERÊNCIAS

*O Publicador 1864* In: **Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <[www.memoria.bn.br](http://www.memoria.bn.br)>

*O Publicador 1862* In: **Arquivo Privado Maurílio de Almeida**

### Bibliografia:

ANDRIES, Lise. A imprensa como modelo de construção nacional: algumas hipóteses metodológicas. In: GUIMARÃES, Valéria. (org.) **Transferências culturais na França e no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Edusp, 2012.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: **II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004**, Florianópolis, **Anais**. Florianópolis, p.1-11. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da imprensa: Brasil – 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Pequeno dicionário dos escritores / jornalistas da Paraíba do século XIX**: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria. (org.) **Transferências culturais na França e no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Edusp, 2012.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 2002.

COOPER-RICHET, Diana; GUIMARÃES, Valéria. Introdução. In: GUIMARÃES, Valéria. (org.) **Transferências culturais na França e no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Edusp, 2012.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUIMARAES, Valéria dos Santos. A Imprensa Francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. **História**, Assis/Franca, v. 38, e2019023, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742019000100203&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742019000100203&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de julho de 2020.

HUNT, Lynn (org). **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

---

LUCA, Tânia Regina de. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media. The extension of man**. Massachusetts: MIT Press ed, 1994.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013. 2. Reimpressão.

MARTINS, Eduardo. **A Tipografia do Beco da Misericórdia: apontamentos históricos**. João Pessoa: A União, 1978.

MATHEUS, Letícia Cantarela. O leitor e o cotidiano na história do jornalismo. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**. Número 1, p. 44-59, janeiro/abril 2013.

MELO, Américo Brasiliense de Almeida e. **Os Programas dos Partidos e o 2º Império** (Primeira Parte: Exposição de Princípios). São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1878. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179482>>.

MOINE, Caroline; BOUVIER, Yves Bouvier; PALMER, Michel., 2008). L’Europe au coeur de circulations et de transferts transnationaux. **Les Temps des medias**, n.11, p. 6-9. 2008-2009.

MOLINA, Matías M. **História dos Jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)**. v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. Para uma abordagem transnacional do livro e da edição. In: CASTELLANOS, Samuel Luiz Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto. (orgs). **Livro, leitura e leitor: perspectiva histórica**. São Luiz: Café & Lápis; EDUFMA, 2016.

MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e Política: Espaço público e cultura política na província de Minas Gerais (1828-1842)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MOREL, Marco. BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEIXOTO, Thayná Cavalcanti. **José Rodrigues da Costa: um tipógrafo na Cidade da Parahyba (1848-1866)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e Espaço Público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

SEGAL, Myraí Araújo. **Espaços da autonomia e negociação: a atuação dos deputados provinciais paraibanos no cenário político imperial (1855-1875)**. 225f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed.(atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999[1966].